

Papel, paredes, telas e redes: comunicação, jornalismo e educação

Dulcilia Schroeder Buitoni

Educação, jornalismo e comunicação sempre compartilharam trajetórias e possibilidades de interação. Nesta era de nuvens e oceanos tecnológicos, a relação entre comunicação e educação é de importância visceral para todas as comunidades humanas. A educação, mola propulsora de conhecimento e qualidade de vida, é tema que deveria estar em todas as mídias. Preocupar-se sobre como a educação aparece na mídia deveria ser motivo de pesquisas acadêmicas. A centralidade da educação na construção da sociedade vem sendo trabalhada na universidade, tendo se criado inclusive uma área chamada de Educomunicação – e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) foi uma das pioneiras nesse campo. A educação também se tornou o slogan do governo federal: “Brasil, pátria educadora”. Mesmo assim, apesar da constatação da importância da educação, convivemos com a angústia de constatar como a educação tem tão pouco espaço nos jornais, revistas, televisão ou internet. Essa angústia traz perguntas decisivas: por que a educação está tão pouco na mídia? Por que é tão pouco discutida?

No cenário midiático contemporâneo, a relação entre os meios e a tecnologia se impõe como ponto de partida para refletir sobre as potencialidades comunicativas do jornalismo. A tecnologia vem transformando formas, conteúdos, sociabilidades. Dieter Mersch, professor de Teoria dos Media na Alemanha, propõe uma teoria negativa dos media. Para ele, o termo “medium” não possui nenhum referente preciso. Nunca fica claro definir se algo é um “medium”, seja um instrumento, um meio de comunicação, um sistema de transportes: só podem se tornar um “medium” sob condições e práticas específicas. Por isso, Mersch busca a reconstrução daquilo que possa ser designado como medial, pois “os media, portanto, no instante em que fazem algo aparecer sofrem a perda de sua própria aparição”.

Os media assinalam – algo que está no meio – não são nem um nem outro – eles desaparecem no processo de mediação. Trazer esta teoria negativa dos media é uma provocação. Será mesmo que os media desaparecem ao mediar? Podemos contestar significados da palavra meio, médium, mas indubitavelmente a tecnologia vem transformando os meios. Ou a tecnologia mesma se confunde com os meios nesta era da Quarta Tela? Além do mais, a tecnologia está transformando as noções de autoria, os modos de acesso, arquivamento, circulação, compartilhamento e recepção.

Os meios: aceleração e multiplicidade

As últimas décadas foram muito velozes. Para quem passou do mimeógrafo a álcool à impressora 3D e que via o pai esperar horas para conseguir completar uma ligação com o Rio de Janeiro, feita só com o auxílio de telefonista, e que agora tem o mundo na palma da mão, a principal impressão é de que o tempo se acelera cada vez mais, junto com a imensidão infinita das informações. Imensidão

que já causa desespero e desânimo porque se trata de um universo inatingível. Na busca de características diferenciadoras das formas de mídia, alguns autores começam a distinguir mídia de produção, mídia de fluxo, mídia de identificação. Mídia de produção seriam as mídias onde o produto foi originado e/ou veiculado inicialmente. Mídia de fluxo está mais relacionada ao trânsito de um produto, por exemplo de um jornal impresso ou da televisão para a internet. Mídia de identificação envolve a circulação em redes sociais, quando a autoria pessoal e o compartilhamento são vetores da transmissão.

Papel e paredes conviveram durante muito tempo na construção e na circulação do conhecimento e da cultura que transitavam por livros, jornais e ambientes escolares. No século XX, as telas se impuseram. Estamos na quarta tela. A primeira tela foi o cinema, grande formador do imaginário ocidental, atuando em espaços coletivos. A segunda tela, a televisão, continuou a modelar o imaginário, mas invadindo espaços domésticos. A terceira tela, do computador, aglutinou competências linguísticas de livros e jornais e a cultura visual que já havia sido apresentada pelas artes e assumida pelo cinema e pela televisão. O computador foi adotado em ambientes de trabalho e também para o uso pessoal. Finalmente, a quarta tela, a pequena tela dos celulares, passou a trabalhar com todas as outras tecnologias anteriores. É um crescendo tecnológico: as duas primeiras telas, o cinema e a TV, dirigiam-se a públicos passivos, que não podiam interferir nas produções visualizadas. As telas mais recentes, do computador e do celular – que é uma decorrência direta da tecnologia informacional –, permitem a ação do usuário. A mobilidade do celular permite que cada pessoa esteja conectada ao mundo em todos os segundos do seu dia, se assim o quiser.

Cada tecnologia nova tende a aglutinar a anterior e, nesse movimento, as mídias vão organizando agendas, incentivando principalmente entretenimento e relações sociais (ambos muito lucrativos) e, circunstancialmente, a busca da informação e da conscientização.

As telas são ferramentas muito poderosas para estimular, entreter, informar, formar. No entanto, estão formando e informando enquanto finalidade jornalística? Novos termos foram acrescentados à vida diária: link, deletar, clicar, copiar, colar, baixar – geralmente termos que indicam ações de editar. A rede conta com milhões de editores pelo mundo afora. Mas onde a educação se mostra como projeto e como norte? Se os brasileiros apontam moradia, emprego, saúde, educação e segurança como principais necessidades – todas elas problemáticas –, por que a educação não é uma editoria importante em jornais e revistas?

Sentidos da educação e do jornalismo

Sim, a tecnologia tem acentuado o fenômeno de aprendizado coletivo. Isso diz respeito à educação. A reprodução aumentou em escalas inimagináveis. Uma característica importante e estimulante é a gratuidade. Todavia, a falta de controle, de verificação, a presença de amadores de todo o tipo contaminam as propriedades da comunicação informativa, que em geral vem sendo produzida com pouco esforço e é consumida na superfície.

Os meios recortam a realidade. Com as novas mídias, a tendência é oferecer notas, textos resumidos, uma foto convencional com legenda idem, sem nada antes ou depois. Essa rapidez não dá conta da complexidade da educação; as matérias não oferecem caminhos de interpretação. A busca da informação e do conhecimento, no contexto dos produtos jornalísticos, quase sempre é acessó-

ria, fornecida mais como serviço (endereços, preços, como as antigas listas telefônicas).

Sim, há os jornalistas que agem como militantes, que conseguem aqui e ali inserir uma matéria que atinja profundidade, que traga críticas e ao mesmo tempo aponte perspectivas. Algumas revistas também trabalham nesse sentido. Institutos e ONGs que se preocupam com educação lutam por espaço, conseguindo realizar algumas ações afirmativas. Mas a mídia em geral deixa a educação em terceiro, quarto, quinto plano. Não é assunto importante. O tema educação não é incorporado em sua complexidade.

Na perspectiva soberana do consumo, as editorias prioritárias são outras. Os jornais desdobram-se em suplementos de carros, gastronomia, adotam o “estilo revista”, com serviços que possam atrair leitores; e anunciantes são prioritários.

A tecnologia por si só não pode transformar o jornalismo sobre educação. A tecnologia tem acelerado fluxos e possibilitado práticas conectadas; tem multiplicado o acesso. Mas o acesso a milhares de caminhos é uma possibilidade; essa facilidade de acesso não garante a informação transformadora nem a formação. Fala-se de filtro ou de curadoria para caracterizar o trabalho do novo jornalista. Porém, talvez precisemos de mais, de uma ação militante. Por isso, mesmo respeitando o trabalho valioso e corajoso de jornalistas e editores, uma visão crítica, formulando perguntas.

Formas e conteúdos

Além de estimular e entreter, as telas estão informando e formando? Enquanto meios de comunicação, estão trabalhando a complexidade e a necessidade da educação no Brasil?

Estão contribuindo para que todas as classes tenham consciência das questões de educação?

Estão dando vozes para crianças adolescentes, jovens adultos e os não tão jovens? Como apresentam as escolas, o sistema educacional, as universidades, as profissões?

Estão discutindo maneiras de ensinar?

Estão mostrando as geografias culturais brasileiras?

Por que há pouquíssima visão crítica?

Por que não se comentam livros escolares?

Por que não são trabalhadas questões de gênero?

Por que a grande maioria dos professores é de mulheres?

E dezenas de outras indagações, que forneceriam importantes pautas para muitas edições, poderiam ser acrescentadas. É inevitável a constatação de que as tecnologias, por si só, não trazem aprofundamento e crítica.

Basta observar as características da escrita na web: resumos, estilo telegráfico, títulos chamativos, imagens tendendo ao espetáculo, imagens meramente ilustrativas, estereotipadas, fáceis de identificar.

Difícil ver imagens mais trabalhadas, reflexivas, estimuladoras do conhecimento. Os vídeos são ou retirados de telejornais (eles mesmos super reduzidos, devido ao padrão da televisão), com acontecimentos mais apelativos para a audiência – políticos, violência, vida de celebridades ou vídeos de entretenimento do público –, cachorros e gatos, crianças, muitos deles “fait divers”.

O entretenimento impera. A coluna das notícias mais lidas nos sites jornalísticos nos dá o termômetro das preferências (e orienta as futuras escolhas dos editores): quase sempre a mais lida é o último caso de uma celebridade da TV, o que vai acontecer na novela das 9, a inadequação de algum participante de reality show, ou questões relacionadas a futebol e outros esportes. Somente as manifestações de junho de 2013 conseguiram

desbancar por algum tempo a separação da atriz, a briga entre duas mulheres de “A Fazenda”, a declaração desastrosa do ídolo de chuteiras.

E os formatos se reduzem cada vez mais: as telas nos vagões e estações de metrô, em ônibus, em shoppings e academias comprimem imagem e texto. Nos elevadores, a compressão é maior (120 caracteres e imagem com duração de apenas 10 segundos). O jornalista e professor Edson Rossi pesquisou essa forma extremamente rápida de comunicação em sua dissertação de mestrado “Novas fronteiras do jornalismo digital: a Elemidia e o universo das micronarrativas”, que se encontra na íntegra no site da Faculdade Cásper Líbero e em texto resumido no livro *Comunicação: processos e produtos* (Buitoni; Menezes, 2014).

O digital out of home nasceu nos Estados Unidos pouco antes do ano 2000 e veio para o Brasil em 2002. A propagação de informação e entretenimento com breves notícias e publicidade em ambientes com grande circulação de pessoas opera sob duas condições: aglomerados urbanos e micronarrativas. Rossi não quis buscar respostas se se tratava ou não de jornalismo. Sem a internet, o meio digital out of home não existiria. Mas, apesar de usar a internet para a transmissão de suas informações, não se pode confundí-lo com webjornalismo.

O exíguo tempo de 10 segundos, usando até 120 caracteres, permite construir apenas micronarrativas que necessariamente precisam da imagem. É possível pensar no desenvolvimento de novas formas de leitura provocadas por essa peculiar ambiência de comunicação. Somente em um dia útil, em elevadores de edifícios comerciais, a Elemidia, maior produtora digital out of home do Brasil, exhibe pelo menos 15,2 milhões de imagens. É um modelo de distribuição de notícias em larga escala, típico do mundo digital.

Estamos como numa corredeira, agarrando-nos em pedras e galhos, mas a correnteza é mais forte. Nunca a humanidade foi tão pressionada por tal quantidade de informação. Ao mesmo tempo, a comunicação mais significativa e mais transformadora parece não ter espaço para acontecer.

Essas características do jornalismo na internet parecem ser incompatíveis com a cobertura sobre educação: rapidez, pouco texto, pouca narrativa, sensacionalismo, imagens pobres e padronizadas.

A pesquisa de mestrado de Francisca Rodrigues Pereira, “Jornalismo e educação: um estudo da cobertura da *Folha de S.Paulo* sobre a educação no Brasil”, concluída em 2009, estudou matérias sobre educação da *Folha de S.Paulo* desde a década de 1970 e entrevistou jornalistas como Luiz Caversan, João Batista Natali e Gilberto Dimenstein. As alterações havidas na editoria de educação, que desfrutava de maior espaço e importância nos anos 1970 e 1980, não foram animadoras. As mudanças no mercado jornalístico e na edição do produto jornal diário interferiram para diminuir a importância da educação como tema; houve um direcionamento para pautas relativas ao ensino superior e os outros níveis de ensino foram menos analisados.

Não se trata, aqui, de analisar como são trabalhadas as rubricas de educação, quase sempre englobadas nos cadernos de cotidiano ou de cidades. A utopia seria de que a educação fosse uma editoria tão importante quanto as editorias de política ou de economia.

O que se pode dizer, de um modo genérico, sobre a cobertura de educação dos grandes jornais e revistas? Primeiro, a educação superior parece ser a mais importante – é a que mais aparece – dentro do pouco que vemos sobre educação em jornais, sites, revistas semanais. Será por que os universitários ou candidatos são o público que

vale a pena atrair? Será por que matérias sobre faculdades podem trazer mais anúncios?

Vestibular, Enem, suplementos dedicados a vestibulares costumam aparecer junto com ranking de faculdades – temas com grandes interesses mercadológicos por parte dos proprietários de mídia. Os suplementos dedicados a vestibulares são bastante acríticos, parecem material de assessoria de imprensa, descrevendo os novos cursos, apontando novas carreiras. Não se vê matéria criticando a precariedade de laboratórios e bibliotecas, o baixo valor pago aos professores por hora/aula, a superlotação das salas, os prédios inadequados, os problemas com as cantinas...

Não há reportagens sobre o não planejamento das áreas mais necessárias para o contexto brasileiro. Por que não aprofundar o caráter disfuncional da quantidade de vagas oferecidas? Os dois cursos que mais vagas oferecem são Administração e Pedagogia. A pergunta: será que precisamos de tantos administradores assim? O tão desejado diploma universitário, objeto de desejo dos jovens de baixa renda, pode representar um degrau a mais na formação, mas ao mesmo tempo, em relação ao custo/benefício, quase sempre servirá apenas para uma pequena promoção no banco, a gerência de alguma pequena loja ou ainda uma colocação em escritório. Provavelmente, esse jovem não precisaria fazer esse tipo de faculdade, com enorme sacrifício de tempo e dinheiro. Talvez um bom curso técnico lhe trouxesse promoções mais rápidas e perspectivas mais concretas de carreira.

Percebemos que os cursos de Pedagogia são principalmente teóricos: não preparam o professor para alfabetizar, para ensinar disciplinas. Por que não se discute a nível nacional o curso de Pedagogia?

Já o Ensino Médio e o Fundamental aparecem mais em matérias “policiais” – violência dentro e fora do prédio

escolar, agressão a professores, roubos, depredações. O bullying, tão em evidência, talvez seja menos importante que a discussão sobre em que idade alfabetizar.

E a Educação Infantil? Quando se fala em creches, trata-se da necessidade numérica sem discutir a pedagogia. A creche é apresentada apenas como um direito – uma juridificação ou judicialização de algo que é principalmente uma questão de pedagogia e de educação. Prevalece a visão higiênica e nutricional, quase hospitalar: a criança precisa estar bem limpa e bem alimentada. E as artes, e o brincar? Ficam em segundo plano, quando não completamente esquecidas.

E os cursos superiores noturnos, aceitos tão naturalmente como condição inescapável? Ora, na Europa e nos EUA, cursos universitários noturnos existem em pequeno número. O pressuposto é de que o estudo em universidade deve ser feito durante o dia; o estudante precisa dedicar bastante tempo de seu dia para assistir às aulas, estudar, pesquisar. Como pode render o estudo de alguém que trabalha num serviço por vezes estafante, depende de horas de condução e vai fazer a faculdade à noite, super cansado, com matérias que não têm nada a ver com sua experiência profissional? As reportagens sobre universidades deveriam discutir a fundo a inevitabilidade da faculdade noturna.

Por que não se discutem modelos pedagógicos? Na Holanda, muitos cursos universitários funcionam por projetos; na Alemanha, a arte é disciplina integrante de áreas duras – Engenharia, Física, Medicina – não como ornamento cultural, mas como impulsionadora e facilitadora da construção do conhecimento.

A busca da complexidade visual

A internet trouxe o hipertexto como estrutura fundante, embora já existissem algumas formas semelhantes

em tempos antigos – até os manuscritos medievais tem aproximações com o hipertexto.

Mas na internet ainda prevalece a hegemonia da relação verbal, linear, apesar de apresentar tantos caminhos a serem percorridos. O design digital oferece possibilidades extraordinárias de trabalho com imagem, todas elas inaproveitadas. Por uma necessidade de rapidez, textos produzidos por jovem que tem metas de X notas para “subir” ou “descer” por hora, as imagens são ilustrativas, servem apenas para identificar, não acrescentam conhecimento, não são motores de conhecimento. As galerias de fotos são ajuntamentos sem critério.

Uma das formas de potencialização de jornalismo de educação e de todo o jornalismo seria a utilização de fotos e de narrativas visuais que mostrassem as complexidades que o pensamento visual pode apresentar. O trabalho de Josep. M. Català, professor de Comunicação da Universidad Autònoma de Barcelona e criador de um Master em Documental Criativo, defende a imagem como construtora de conhecimento. Seus conceitos de imagem complexa e de interface visual como modelo de conhecimento são extremamente operativos e podem ser aplicados na construção de visualidades mais significativas. Ele nos diz que precisamos pensar as imagens, mas também pensar com as imagens, de colocar em manifesto sua particular fenomenologia. Refletindo sobre o poderoso aparato tecnológico computacional, Català propõe a forma interface como um modelo mental contemporâneo. Não se trata da interface como instrumento tecnológico, mas a ampliação do conceito, a forma interface como um modelo mental que facilita a construção do conhecimento. Català insiste na matriz visual da sua concepção de interface: “diferencia-se dos modelos anteriores pela maior capacidade de atuação que possuem as metáforas visuais

que o compõem”. Estamos diante do pensamento interface, da interface como espaço de relação, interface essa ampliada e potencializada pela tecnologia.

Um dos caminhos mais produtivos de utilização da tecnologia para a cobertura de temas educacionais seria a pesquisa da imagem como criadora de conhecimento e estimuladora de ações. Os textos são fundamentais, mas precisamos trabalhar muito a imagem, nesta nossa civilização tão saturada de visualidades e que, no entanto, explora muito pouco o poder do pensamento visual.

Referências

ARTOPOULOS, Alejandro. (Org.) **La sociedad de las cuatro pantallas**: una mirada latinoamericana. Buenos Aires: Ariel, 2012.

BUITONI, D. H. S. **De volta ao quintal mágico**: a educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Ágora, 2006.

BUITONI, D. H. S. Fotografia animada no webjornalismo: interfaces e multimídia. **Studium**, v. 27, p. 09-12, 2008.

BUITONI, D. H. S. Imagens semoventes, imagens co-moventes: interfaces visuais no webjornalismo. **Galáxia**, v. 18, p. 225-237, 2009.

CATALÀ, Josep M. **La imagen compleja**: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **La imagen interfaz**: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010.

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**: introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.

LEÃO, Lucia. **Interlab**: labirintos do pensamento contemporâneo. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LEDO, Margarita. **Documentalismo fotográfico**. Madri: Cátedra, 1998.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2006.

MERSCH, Dieter. Tertium datur: introdução a uma teoria negativa dos media. **MATRIZES**, ano 7, n. 1, p. 207-222, jan./jun. 2013.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez /Unesco, 2000.

PEREIRA, Francisca Rodrigues. **Jornalismo e educação**: um estudo da cobertura da Folha de S.Paulo sobre a educação no Brasil. Tese (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

ROSSI, Edson. **Novas fronteiras do jornalismo digital**: a Elemidia e o universo das micronarrativas. Tese (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

ROSSI, Edson. Novas fronteiras do jornalismo digital: a Elemidia e o universo das micronarrativas. In: BUITONI, D. S.; MENEZES, J. E. de O. (Orgs.). **Comunicação**: processos e produtos. São Paulo: Plêiade, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal. Aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 2001.

